

**Introdução:** Esta dissertação de mestrado tem por objeto a trajetória profissional e de escolarização do Agente Comunitário de Saúde (ACS), entendendo a escolarização como um processo de avançar no aprendizado dentro da escola formal e não apenas na formação profissional. Entende-se o trabalho como um princípio emancipatório, mas ao mesmo tempo repleto de contradições e, ainda, campo de exploração, na lógica do modelo de acumulação em curso. A palavra emancipação pode ser empregada para definir diversas situações. Concernente a este estudo, a emancipação tem um caráter libertador, de independência, de obtenção de igualdade. O ACS é um profissional proveniente das camadas populares, e como tal almeja melhores condições de vida e de trabalho. A escolarização não é garantia, entretanto, dessas melhorias, mas ainda assim tem um valor importante e é socialmente reconhecida para a ascensão social, profissional e também para a emancipação. São fatos que promovem à reflexão, acerca dos motivos que levaram esse profissional a procurar novas alternativas de crescimento profissional, e trazem a tona os seguintes questionamentos: i) a profissão de ACS seria apenas uma alternativa temporária e oportuna ao desemprego, problema vigente em todo país? ii) Ao mesmo tempo, o quê, no processo de trabalho como ACS, o motiva a buscar o seu crescimento profissional e pessoal? iii) por outro lado, se questionamos o que leva o ACS à busca da escolarização e a um processo de mudança, o que levam outros a permanecerem como ACS? iv) A perspectiva da escolarização seria um projeto pessoal, individual ou será que abrange uma dimensão coletiva? v) Nessa perspectiva, o trabalho do ACS pode ser pensado como um princípio educativo e emancipatório? Os questionamentos acima abrem espaço a novas reflexões. A profissão de ACS, se for considerada como uma profissão de passagem, pode não garantir efetivamente a realização do vínculo desse profissional com as famílias e a comunidade. A formação do vínculo é a garantia que o ACS realmente terá acesso a população e poderá desenvolver as suas atribuições. Escrever sobre emancipação numa sociedade ainda tão opressora é, no mínimo, desafiador. O que se defrontará também com inúmeras contradições e contrastes. As contradições que o capitalismo impõe, faz com que o trabalho seja, também, um campo contraditório e ambíguo. A emancipação está subordinada à superação do que Freire chama de *situações-limites*, barreiras que impedem o homem de *ser mais*. Para este autor, homens e mulheres, como seres conscientes, sabem de sua liberdade ou de seus condicionamentos. Sendo assim, constantemente encontram em sua vida pessoal e social, obstáculos que precisam ser ultrapassados, superados. Esses obstáculos, Freire chamou de *situações-limites*. As *situações-limites* são realidades objetivas e que provocam necessidades nos indivíduos. É a partir da superação das *situações limites* que o homem passa a vislumbrar o inédito viável. Será que, neste contexto, podemos considerar o trabalho do ACS como uma *situação-limite*? E essa *situação limite* o levaria a vislumbrar um inédito viável? O inédito viável se constitui numa possibilidade inédita, ainda não claramente vivida ou conhecida, mas que quando sonhada ou percebida, se manifesta como um *percebido destacado*. Assim, quando os homens se percebem conscientes e capazes de ultrapassar as *situações-limites*, o inédito viável já não é mais o mesmo, já deixa de ser sonho para se tornar concreto. Nessa lógica, através da ampliação da escolaridade, a busca de outros espaços, de alternativas, se constituiria num inédito viável para o ACS? Mesmo nas classes populares, nos seus modos de viver, há uma forte tendência à reprodução da lógica individualista e consumista. No seu imaginário a escolarização pode representar uma saída, uma possibilidade de mudança. É nesse sentido que acreditamos e percebemos o caminho atualmente trilhado pelos ACS: um movimento transformador, de (re)construção, (re)inclusão e, sobretudo, de esperança. **Objetivos:** O objetivo geral do estudo é descrever e discutir a trajetória de trabalho, formação e escolarização dos Agentes

Comunitários de Saúde inseridos na Área Programática 5.2 (AP 5.2). Os objetivos específicos são: descrever e analisar a trajetória de vida e de escolha em relação à profissão de ACS, a partir de um levantamento quantitativo e de narrativas pessoais; identificar e analisar os motivos que levaram os ACS a procurar, permanecer e a abandonar a profissão; discutir as alternativas que os ACS buscam para o seu crescimento e formação profissional; identificar e discutir elementos no trabalho dos ACS que se configuram como princípios educativos e emancipatórios. **Método:** O estudo apresenta uma abordagem qualitativa, com base nas narrativas de 34 ACS sobre o seu trabalho e vida. O método de análise dos dados foi de base interpretativa com apoio do referencial da Hermenêutica-Dialética. Além disso, foi obtido um perfil quantitativo de escolaridade de 95% dos ACS do campo da pesquisa, a AP 5.2, no município do Rio de Janeiro. **Resultados:** Os resultados evidenciam ampliação significativa em todas as faixas de escolaridade dos ACS após o início do trabalho. As razões apontadas para o ingresso no trabalho de ACS estão relacionadas à oportunidade de ingresso ou reingresso no mercado formal de trabalho e a proximidade da residência. A desvalorização e a falta de reconhecimento são apontadas como os principais motivos para os ACS deixarem a profissão. Nas entrevistas foi marcante a referência que estes trabalhadores fazem acerca da sobrecarga de trabalho, falta de reconhecimento e desvalorização profissional e baixa remuneração salarial. Como consequência, podemos reconhecer o trabalho do ACS como polivalente e amplo, devido às inúmeras atribuições e funções assumidas pelo ACS. Alguns sujeitos apontaram como provisório o trabalho de ACS e sua permanência está vinculada a falta de outras perspectivas e também a sua identificação com o trabalho comunitário, remetendo a um caráter de dádiva. O princípio emancipatório do trabalho também foi apontado por alguns sujeitos, já que o trabalho propiciou a retomada de antigos objetivos, no caso, voltar a estudar. O trabalho, associado ao retorno aos estudos, propiciou o resgate de valores, elevou a auto-estima e modificou a dinâmica familiar dos ACS, estimulando o *querer mais*. Também foram encontrados achados da influência do enfermeiro no trabalho do ACS e na sua opção profissional. **Conclusão:** Os ACS tem sido objeto de muitos estudos na produção científica recente na área da Atenção Básica. Este estudo procurou abordar uma questão do perfil desse profissional ainda pouco estudada, a escolarização. Mais do que a trajetória profissional e de escolarização, através desse estudo, fomos de encontro à história de vida e de lutas dos ACS. As narrativas dos ACS revelaram uma trajetória de vida, educacional e profissional comum, marcada por uma origem humilde, interrupção dos estudos, desemprego ou sub-empregos. Uma trajetória comum a muitos trabalhadores e brasileiros. Foram identificadas algumas questões centrais como: a questão do desemprego sendo quase que determinante para a busca da profissão; a identificação do ACS com o trabalho comunitário; a falta de reconhecimento, desvalorização e sobrecarga de trabalho como principais motivos para esse trabalhador deixar a profissão e buscar alternativas; o trabalho propiciando a retomada de antigos objetivos, no caso, voltar a estudar; a influência do enfermeiro no trabalho do ACS e na sua opção profissional. Verificamos na AP 5.2 uma ampliação significativa em todas as faixas de escolaridade dos ACS e parece haver um desejo deste trabalhador de mudar de função, porém continuando na área da saúde. A formação predominante para o trabalho de ACS tem uma qualificação denominada de nível básico da educação profissional, o que, portanto, não lhe confere habilitação. O ACS tem um caráter singular por ser um profissional exclusivo do Sistema Único de Saúde. A falta de investimentos na sua qualificação contribui, sobremaneira, para perpetuar a sua baixa remuneração, o seu não reconhecimento como importante personagem na condução de uma política prioritária de saúde pública e sua não permanência na Estratégia Saúde da Família (ESF). A ESF

tem assumido um papel importante no cenário das políticas de reorientação da Atenção Básica no país e da consolidação do SUS. Os ACS surgem como um grande contingente de trabalhadores a quem foi delegado o complexo papel de promover essa mudança. Uma tarefa tão “árdua” não pode ser desempenhada por um profissional sem a qualificação necessária. Devemos pensar no ACS não como alguém que está reproduzindo um modelo de relação de trabalho. Ele traz, como membro das classes populares, a idéia do inédito viável, da superação de limites até então intransponíveis, a possibilidade, mesmo que com percalços no caminho, de uma mudança. Permanecer como ACS, garantir que algumas pessoas fiquem, cumpram com a proposta da ESF depende principalmente do reconhecimento técnico desse trabalhador. Os resultados mostram que o trabalho do ACS possui, sobretudo, um significado positivo e reintegrador da pessoa consigo, com sua essência humana e humanizadora. É um trabalho que, ao mesmo tempo em que reproduz um ciclo de desumanização, o rompe. Resgatar e provocar o sentido emancipatório do trabalho do ACS é também resgatá-lo no trabalho em saúde pública.